

ARTHUR CONAN DOYLE

SHERLOCK
HOLMES

ARTHUR CONAN DOYLE

SHERLOCK HOLMES

AS AVENTURAS DE SHERLOCK HOLMES

TRADUÇÃO
SILVIO ANTUNHA



Principis

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

D754a Doyle, Arthur Conan, 1859-1930

As aventuras de Sherlock Holmes / Arthur Conan Doyle ; traduzido por Silvio Antunha. - Jandira, SP : Ciranda Cultural, 2019. 208 p. ; 16cm x 23cm. - (Clássicos da Literatura Mundial)

Inclui índice.
ISBN: 978-85-943-1855-8

1. Literatura inglesa. 2. Ficção. I. Antunha, Silvio. II. Título. III. Série.

2019-688

CDD 823.91
CDU 821.111-3

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa : ficção 823.91
2. Literatura inglesa : ficção 821.111-3

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

© 2019 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Produção: Ciranda Cultural

Texto: Sir Arthur Conan Doyle

Tradução: Silvio Antunha

Preparação: Carla Bitelli

1ª Edição

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Sumário

A AVENTURA DA COROA DE BERILOS	7
A AVENTURA DA FAIXA MALHADA	43
A AVENTURA DAS FAIAS ROXAS	81
A AVENTURA DO CARBÚNCULO AZUL	117
A AVENTURA DO POLEGAR DO ENGENHEIRO	147
A AVENTURA DO SOLTEIRÃO NOBRE	177



A Aventura
da Coroa
de Berilos

Holmes – falei certa manhã quando olhava a rua pela nossa janela saliente –, tem um louco passando na rua. É lamentável que a família o deixe sair sozinho.

O meu amigo se levantou preguiçosamente da poltrona e, com as mãos nos bolsos do roupão, olhou por sobre meu ombro. Era uma manhã luminosa de fevereiro, fria e seca, e a neve do dia anterior ainda cobria o chão reluzindo à luz do sol invernal. No meio do leito carroçável da Baker Street, a nevasca parecia ter sido arada pelo tráfego numa faixa marrom escura, lamacenta, mas ao longo das beiradas das calçadas, nos dois lados da rua, ainda estava amontoada e tão branca como quando caiu. A parte de cimento da pavimentação da calçada havia sido limpa e raspada, mas ainda estava perigosamente escorregadia, por isso havia menos transeuntes que o normal. Na verdade, do sentido da Metropolitan Station, ninguém vinha andando exceto esse único cavaleiro cuja conduta excêntrica chamou a minha atenção.

Era um homem de uns 50 anos de idade, alto, corpulento e imponente, com o rosto firme de traços marcantes e um

aspecto autoritário. Estava vestido em estilo sóbrio mas luxuoso, com sobrecasaca preta, chapéu reluzente, polainas marrons e calças de cor cinza pérola muito bem cortadas. Mas suas atitudes contrastavam de maneira absurda com a dignidade de suas roupas e de suas feições, pois ele corria impetuosamente, dando pulinhos de vez em quando, como um homem que se cansa por não estar habituado a exercitar as pernas. Enquanto ele corria, sacudia as mãos para cima e para baixo, agitava a cabeça e retorcia o rosto em caretas horrorosas.

– O que há de errado com esse homem? – perguntei. – Está olhando o número das casas.

– Acho que ele está vindo para cá – disse Holmes, esfregando as mãos.

– Para cá?

– Sim. Acredito que está vindo me consultar profissionalmente, reconheço os sintomas. Ah! Eu não disse? – Enquanto ele falava, o homem chegou ofegante à nossa porta e tocou a campainha com tal força que a casa toda ressoou com o barulho.

Poucos momentos depois, ele estava em nossa sala, ainda ofegante, ainda gesticulando, mas com o olhar tão triste e desesperado que o nosso riso desvaneceu e nos enchemos de horror e compaixão. Por algum tempo ele não conseguiu falar, mas balançava o corpo e puxava os cabelos, como alguém que tivesse sido levado aos mais extremos limites da razão. Então, súbito ficando em pé, ele bateu com a cabeça contra a parede com tanta força que nós dois corremos até ele e o arrastamos para o centro da sala. Sherlock Holmes o empurrou para a poltrona e, sentando ao seu lado, deu-lhe tapinhas nas mãos e conversou com ele no tom de voz calmo e suave que ele sabia tão bem empregar.

– Veio aqui para me contar a sua história, não foi? – disse.
– Está muito cansado, por causa da pressa. Por favor, espere se recuperar, então terei o maior prazer de examinar qualquer problema que você tenha para me apresentar.

O homem ficou sentado por um minuto ou mais respirando fundo e procurando conter a emoção. Depois passou o lenço pela testa, comprimiu os lábios e virou o rosto para nós.

– Sem dúvida vocês acham que sou louco – ele disse.

– Vejo que aconteceu algo muito grave – respondeu Holmes.

– Só Deus sabe! É algo capaz de devastar a minha razão de tão inesperado e tão terrível. Talvez eu pudesse encarar a desgraça pública, embora seja um homem de um caráter que jamais foi maculado. A desgraça pessoal também é a sina de cada um de nós. Mas as duas coisas ao mesmo tempo, e de forma tão horrível, é mais que suficiente para me abalar no fundo da alma. Além disso, não sou só eu. Os mais nobres do país também vão sofrer se não encontrarmos uma solução para este terrível problema.

– Por favor, controle-se, senhor – disse Holmes. – Conte-me calmamente quem é e o que aconteceu.

– O meu nome – respondeu o nosso visitante – provavelmente lhe é familiar. Sou Alexander Holder, da casa bancária Holder & Stevenson, da Threadneedle Street.

O nome era de fato muito conhecido e pertencia ao sócio majoritário da segunda maior firma bancária privada da cidade de Londres. O que poderia ter acontecido para deixar um dos mais proeminentes cidadãos da grande metrópole naquele estado lamentável? Aguardamos, tomados pela curiosidade, até que, com grande esforço, ele se abraçou e nos contou sua história.

– Sinto que o tempo é valioso – ele disse – e por isso corri para cá quando o inspetor de polícia sugeriu que eu deveria procurar obter sua cooperação. Vim para a Baker Street pelo metrô e de lá a pé, correndo, pois vi que as carruagens de aluguel andavam muito devagar por causa de toda essa neve. Foi por isso que fiquei tão sem fôlego, pois sou um homem que quase não faz exercício. Estou me sentindo melhor agora e vou lhes apresentar os fatos da forma mais resumida e ainda assim mais clara possível.

“Sabe-se muito bem, é claro, que o sucesso no meio bancário depende tanto da nossa capacidade de encontrar investimentos remunerativos para os nossos fundos quanto do aumento das nossas conexões e o número dos nossos depositantes. Um dos meios mais lucrativos de investir dinheiro é na forma de empréstimos, quando as garantias são inquestionáveis. Temos feito muito nesse campo nos últimos anos e existem muitas famílias nobres a quem temos emprestado grandes somas, usando como garantia seus quadros, bibliotecas ou prataria.

“Ontem pela manhã, eu estava sentado em meu escritório no banco quando um cartão de apresentação me foi entregue por um funcionário. Tive um sobressalto quando vi o nome, pois era... Bem, talvez mesmo para os senhores seja melhor dizer somente que era um nome conhecido no mundo inteiro, um dos nomes mais altos, mais nobres, mais exaltados da Inglaterra. Fiquei assombrado com tanta honra e tentei, quando ele entrou, expressar o que sentia, mas ele começou logo a falar de negócios com o ar de quem quer se livrar rapidamente de uma tarefa desagradável.

“‘Senhor Holder’, ele disse, ‘fui informado de que você tem o costume de emprestar dinheiro.’

“A firma faz isso quando a garantia é boa’, respondi.

“É absolutamente essencial para mim’, ele disse, ‘conseguir 50 mil libras de imediato. Poderia, é claro, obter essa soma insignificante com os meus amigos, mas prefiro que seja um negócio e prefiro tratar desse negócio pessoalmente. Na minha posição, o senhor há de compreender que não convém uma pessoa ficar devendo favores a ninguém.’

“Por quanto tempo, se me permite perguntar, vai precisar desse valor?’, perguntei.

“Na próxima segunda-feira, devo receber uma grande quantia que me é devida e certamente lhe pagarei, então, o que me adiantar agora e mais os juros que acha de direito cobrar. Mas é absolutamente essencial que eu tenha esse dinheiro imediatamente.’

“Eu teria o maior prazer de lhe adiantar esse valor do meu próprio bolso sem dizer mais nada’, acrescentei, ‘se não estivesse um pouco acima do meu alcance. Por outro lado, se fizer isso em nome da firma, para ser justo com o meu sócio devo insistir que, mesmo em seu caso, todas as precauções comerciais sejam tomadas.’

“Prefiro mesmo que seja assim’, ele disse, pegando uma caixa quadrada, de couro preto, que deixara ao lado da cadeira. ‘Sem dúvida já ouviu falar da Coroa de Berilos?’

“Um dos bens públicos mais preciosos do Império’, observei.

“Exatamente.’ Ele abriu o porta-joias e dentro, engastada em veludo carmesim macio, repousava a magnífica joia a que se referira. ‘São 39 berilos enormes’, ele disse, ‘e o preço do trabalho em ouro é incalculável. A avaliação mais baixa é o dobro do que lhe pedi. Estou pronto para lhe deixar a coroa em garantia.’

“Peguei o precioso porta-joias em minhas mãos e olhei um tanto perplexo da coroa para meu ilustre cliente.

“Duvida do valor?’, ele questionou.

“De jeito nenhum. Duvido apenas...’

“Se é apropriado deixá-la aqui? Pode ficar descansado quanto a isso. Eu jamais faria uma coisa dessas se não tivesse certeza de que dentro de quatro dias posso reavê-la. É simplesmente uma questão de tempo. A garantia é suficiente?’

“Totalmente.’

“Você compreende, senhor Holder, que estou lhe dando uma grande prova da confiança que tenho no senhor, com base em tudo o que me disseram a seu respeito. Confio em você não só para ser discreto e não dizer uma única palavra a respeito deste negócio como também para cercar essa coroa com todas as precauções possíveis, pois é desnecessário dizer que causaria um enorme escândalo público se alguma coisa acontecesse com ela. Qualquer dano seria tão grave quanto sua perda total, pois não há no mundo inteiro berilos iguais a esses e seria totalmente impossível substituí-los. Vou deixá-la com o senhor, entretanto, com toda a confiança, e virei buscá-la pessoalmente na segunda-feira de manhã.’

“Ao perceber que o meu cliente estava ansioso para ir embora, não falei mais nada. Chamei o caixa e mandei que pagasse a quantia de 50 mil libras em notas de mil. Quando fiquei novamente sozinho, porém, com o precioso porta-joias à minha frente, não pude deixar de pensar com algum receio na imensa responsabilidade que aquilo representava para mim. Não havia dúvidas de que, já que se tratava de um bem nacional, seria um escândalo terrível se uma desventura qualquer acontecesse com

a joia. Eu já estava arrependido de ter consentido em ficar com ela. Mas era tarde demais para mudar de ideia, por isso tranquei o porta-joias no meu cofre pessoal e voltei ao trabalho.

“Quando o dia terminou, achei que não seria prudente deixar um objeto tão valioso no escritório. Cofres de banqueiros já haviam sido arrombados no passado, por que não aconteceria o mesmo com o meu? Se isso acontecesse, em que posição terrível eu me encontraria! Decidi, portanto, que nos dias seguintes levaria o porta-joias comigo de um lado para outro, de modo que a coroa nunca ficasse de fato fora do meu alcance. Com essa intenção, chamei uma carruagem de aluguel e fui para a minha casa em Streatham, carregando a joia comigo. Não respirei tranquilo enquanto não a levei para os meus aposentos no andar de cima e a tranquei na cômoda do meu quarto de vestir.

“Agora preciso dizer algo sobre a minha casa, senhor Holmes, pois quero que compreenda bem a situação. O meu camareiro e o meu lacaio dormem fora de casa e podem ser deixados de lado completamente. Tenho três criadas que estão comigo há vários anos e são de absoluta confiança. Outra, Lucy Parr, só trabalha para mim há alguns meses. Ela é muito bonita e tem atraído muitos admiradores, que às vezes ficam rondando a casa. Esse é único defeito que encontrei nela, mas acredito que seja uma boa moça em todos os sentidos.

“E é isso, quanto aos empregados. A minha família, em si, é tão pequena que não levarei muito tempo para descrevê-la. Sou viúvo e tenho um filho único, Arthur. Ele tem sido uma decepção para mim, senhor Holmes, uma grande decepção. Não tenho dúvida de que a culpa é minha. Todos dizem que eu o estraguei. É bem provável que seja verdade. Quando a minha